

O ANIVERSÁRIO DO MUSEU.

Celso Maria de Mello Pupo.

Em oito de corrente, marca o Museu Arquidiocesano mais um aniversário de sua fundação. Tem êle vivido a vida que lhe traçou seu fundador, o Senhor Arcebispo Metropolitano, e que seria, não "um mero adorno, ou um motivo de ordem sentimental e, muito menos, um simples depósito de velharias. A função de um museu não é imobilizar as peças que recolhe, mas, ao contrário, vencer a imobilidade das reliquias do passado, avivando-lhes o conteúdo na forma das tradições que elas exprimem. É dar linguagem, é dar vozes às peças e aos documentos, e faze-los falar, instruir e educar".

Nestes primeiros anos de vida, a atividade do Museu tem sido construtiva, realizadora da sua própria estrutura, acumuladora dos recursos culturais, com registros e buscas históricas, generalizadas pelas suas redes paroquiais ou especializadas em cada peça histórica ou artística, formando o repositório de dados e informações, ordenados para maior utilidade e fácil manuseio. Assim as peças falam com desenvoltura, e ja podemos ouvir algumas delas: um dos seus menores objetos, ~~um~~ um anel, conta uma história de um bispo de Goiaz, de vida heroica, ânimo apostólico e santa resignação que sensibilisa nas suas recordações.

Em Sergipe vivia ~~um~~ sacerdote culto e virtuoso, dedicado ao seu apostolado, pobre e humilde mas cheio de méritos, não só como sacerdote, mas ainda como filho dedicado que mantinha sua mãe viuva e três irmãs sem outro meio de vida que não fosse o auxílio do padre. A fama de suas virtudes recomendaram-no para o episcopado e, pelos anos de 1861 e 62, foi eleito segundo bispo de Goiaz, confirmado e sagrado para elevação e honra que não deixam de ser pesado encargo, cheio de responsabilidades, sacrifício heróico como era o pastoreio na longinqua província do Império.

Residindo em Sergipe, não restava ao novo bispo, em época ~~tão remota~~, outro meio de viagem de menores gastos, que não fosse pelo interior do país, atravessando zonas de poucos recursos, a cavalo, pedindo pousada, refazendo forças, substituindo alimárias, enfrentando intempéries, devassando florestas, transpondo rios ou navegando em tôscas e incômodas embarcações. A imaginação humana não descreveria este perigrinar penosíssimo, e dele se pode aquilatar por fato comovedor que multiplicou os sofrimentos do novo bispo, pois viu êle, no decorrer da viagem, a sua mãe, exausta de padecimentos, enlouquecer de angústias e ser, neste transe, seguida por duas das filhas que a acompanhavam.

Chegou o bispo à sede de seu bispado, com as três dementes, uma irmã debilitada e mais um irmão. Sua resignação comoveu seus diocesanos e sua coragem heróica havia de leva-lo a um pastoreio proveitoso na sua diocese vasta e despovoada, a exigir de um prelado, não só um estado de santificação, mas uma atividade incansável que o novo bispo, Dom Domingos Quirino de Sousa, ja provara possuir.

Mas, não foi assim. Dom Domingos adoeceu e mal completando sete meses de episcopado, angustiado pela ideia de deixar sem meios de subsistência as tres dementes e mais a sua última irmã, viu agravar-se constantemente a sua moléstia, para, em atrozes sofrimentos, falecer às sete horas do dia 12 de outubro de 1863. Sua família voltou para Sergipe onde não chegou sua mãe falecida em torna viagem; seus ~~obj~~ objetos ~~particulares~~ foram vendidos e, entre êles, o anel então adquirido por pessoa residente em Araguari que, cinquenta anos depois, o legou ao próprio filho; em 1945 foi o anel doado ao Senhor Arcebispo de Campinas.

Na imaginária, uma peça, apenas, relembra a fundação de Campinas em 14 de julho de 1774; relembra as primeiras taipas demarcadas e levantadas, relembra a nossa primeira matriz construída por Frei Antônio de Pádua Teixeira, o primeiro vigário e criador de Campinas, que fez a igreja com o dinheiro dos viajantes que passavam para Goiaz, esmolando-o na beira da estrada.

Uma Nossa Senhora das Dores, imagem de roca, imagem cujo corpo é apenas uma armação para sustentar túnica e manto, destaca-se pela beleza do seu rosto e perfeição de suas mãos e pés, obra de entalhe com o exterior de carnação, olhos de vidro e cabelos naturais, e corpo revestido de valiosa túnica e rico manto roxo guarnecido de galões de ouro. Foi doada à Igreja por Joaquim Ferreira Penteado, o futuro barão de Itatiba que então residia nos fundos da matriz, em grande casa com muitas janelas para a rua Barreto Leme, onde finda a rua Barão de Jaguará.

Esta casa ocupava um grande terreno que se estendia até a rua Marechal Deodoro, tendo nela residido o sogro do barão, o capitão mor agregado Floriano de Camargo Penteado que, segundo a tradição, ali recebeu a visita de Saint'Hilaire. O barão em 1878 construiu e mudou-se para o sobrado da rua Regente Feijó esquina de Ferreira Penteado, o chamado Palácio dos Azulejos que hoje abriga a Prefeitura, deixando a antiga casa que foi residência de seu filho José Ferreira Penteado e, depois, da viuva d'êste, Dona Maria Eleutéria.

Ao início do século atual, nela residia o coronel Manuel de Moraes, pessoa de grande prestígio em Campinas, presidente da Companhia Mogiana e provedor da Santa Casa de Misericórdia. Os sexagenários ainda se lembrarão do aspecto calmo d'êste recanto da cidade que era o berço de Campinas. Na esquina em frente, com entrada pela rua Barão de Jaguará, outra grande casa abrigou por vários anos o Ginásio Campineiro, organizado e mantido pelo engenheiro e professor Carlos Francisco de Paula, estimadíssimo de seus alunos e pessoa que reunia grandes qualidades de coração e de caráter, cultura e profundos conhecimentos de matemática que lecionava com extraordinária competência e capacidade de transmitir; era propriedade de D. Ana Novais, conhecida por Nha Anica Bruxelas porque mantinha residência na capital belga onde passava parte do ano; esta senhora doou à Matriz Velha em quadro gigantesco com tela de um Crucificado, e que hoje está no auditório da Cúria Metropolitana, adornando-o como valiosa obra de arte.

